

DALE ARMSTRONG

Uma visão contemporânea da avaliação



O especialista em avaliação escolar Dale Armstrong coordena a área de Experiência de Campo do Consórcio de Avaliação da província de Alberta (Canadá) e presta consultoria na área de avaliação escolar para governos de diversos países. Foi professor-conferencista na Universidade de Alberta e diretor municipal de avaliação das escolas de Edmonton durante as últimas décadas. Nesta entrevista, ele fala das mudanças que vêm ocorrendo na área da avaliação, hoje vista como um instrumento para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

• Entrevista concedida a Rita Espechit

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



A avaliação escolar costumava ser pensada em termos de seleção e classificação, de contar o número de respostas certas e dar uma nota ao aluno. Hoje pensamos em avaliação em termos de seu potencial para melhorar o aprendizado.

PP.: Para muita gente, avaliação escolar ainda é vista como sinônimo de nota, de um instrumento para decidir quem passa de ano e quem repete. Qual seria uma visão mais contemporânea dos objetivos da avaliação na escola?

Dale Armstrong: A avaliação escolar costumava ser pensada em termos de seleção e classificação, de contar o número de respostas certas e dar uma nota ao aluno. Hoje pensamos em avaliação em termos de seu potencial para melhorar o aprendizado. É a razão pela qual avaliamos. A avaliação tem que ser parte do processo ensino-aprendizado, e não apenas uma coisa que fazemos ao final. Deve ser permanente, acontecer em todas as áreas e momentos, tanto de maneira formal – através de algum tipo de teste ou tarefa – quanto informal – por exemplo, através de conversas individuais com o estudante.

A avaliação é o único meio que temos para distinguir ensino de aprendizado. Como professor, eu posso dizer que ensinei algo, mas isso não me dá qualquer garantia de que o aluno aprendeu. O aprendizado, em si, é invisível. Uma boa analogia para demonstrar isso é a do vento. Não conseguimos enxergar o vento, mas podemos ver os efeitos dele: os galhos balançando, folhas caindo das árvores, coisas rolando nas ruas... Da mesma maneira, não sabemos

o que acontece dentro da cabeça dos estudantes. Não temos como enxergar o aprendizado, mas podemos ver os efeitos dele, e a maneira de fazer isso é utilizando uma estratégia avaliativa.

PP.: Essa visão reflete o dia-a-dia das escolas no Canadá, ou é ainda uma teoria que está lutando para conseguir seu espaço nas salas de aula?

Dale: Não está em todas as salas. As escolas ainda usam avaliação para selecionar e classificar, não há como negar isso. Mas é uma visão que vem conquistando cada vez mais espaço.

PP.: Você tem atuado como consultor em diferentes países. É possível dizer que estamos vivendo um momento de mudanças na área da avaliação escolar?

Dale: A avaliação escolar está mudando, e eu acho que isso vem acontecendo em todos os lugares. Hoje, a tendência é avaliar para oferecer um retorno aos estudantes, mostrando-lhes como eles estão se saindo. Se o aluno faz um projeto, em vez de apenas atribuir uma nota ao trabalho, o professor indica: "Olha, isso aqui é o que você fez bem, e essa parte é onde você precisa melhorar". O aluno pode pegar essa informação específica e usá-la para que seu próximo trabalho seja ainda melhor.

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



Apenas derramar um balde de informações na cabeça desse aluno, portanto, não faz o menor sentido. Nós deveríamos estar ensinando os estudantes a aprender como é que se aprende, aprender a analisar, aprender a pensar criticamente.

Um problema que as pesquisas têm demonstrado é que a vasta maioria das questões presentes em exercícios e testes escolares são do tipo que requer respostas de uma, duas, no máximo, três palavras. Na verdade, 90% de todas as questões são basicamente factuais, envolvendo apenas a memória de uma informação isolada. O problema é que muitos dos objetivos perseguidos pelos currículos atuais, em termos das competências que queremos desenvolver nos alunos, não podem mais ser medidos dessa maneira.

Dois terços do currículo de Alberta – e imagino que no Brasil a situação não seja muito diferente – é baseado em competências, não apenas em conhecimento. Por quê? Imagine uma criança que esteja hoje com oito anos de idade. Nós sabemos que o conhecimento acumulado pela humanidade vem dobrando a cada quatro anos, em média. Isso significa que hoje não é possível prever, nem remotamente, como o mundo vai ser daqui a 15 anos, quando essa criança estiver entrando no mercado de trabalho. Apenas derramar um balde de informações na cabeça desse aluno, portanto, não faz o menor sentido. Nós deveríamos estar ensinando os estudantes a aprender como é que se aprende, aprender a analisar, aprender a pensar criticamente. E precisamos de avaliá-los com tarefas nas quais eles possam demonstrar o que podem fazer – não apenas o que sabem.

PP: É possível dar um retorno específico ao aluno quando se tem uma sala com 30 ou 40 estudantes?

Dale: O número de estudantes com que o professor tem que lidar é uma questão crítica. Mas existem maneiras de contornar esse problema. Nós podemos pensar em alunos avaliando o trabalho de colegas, por exemplo. O fato é que, quanto mais retorno nós damos ao estudante, quanto mais nós conseguimos envolvê-lo no processo da avaliação – na elaboração de estratégias de avaliação, no estabelecimento de critérios para julgamentos, em auto-avaliações –, melhor é o seu trabalho.

Se nós damos a nota e fazemos um comentário do tipo "muito bom", ou "bom trabalho", os estudantes se saem melhor do que apenas com a nota. Mas se temos a nota, um comentário do tipo "muito bom" e ainda um comentário específico sobre aquele trabalho específico, o desempenho melhora ainda mais. As pesquisas mostram isso de maneira eloqüente. Claro, vai ser mais difícil com 40 alunos. Você não vai poder escrever comentários tão detalhados, mas apenas uma ou duas sentenças para cada estudante podem fazer uma grande diferença.

PP: Avaliação formativa e avaliação somativa: qual é o foco de cada uma delas?

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



Quando planejamos uma aula, temos que pensar também na avaliação. Temos que saber o que estamos buscando e elaborar nossas aulas e estratégias avaliativas em torno disso.

Dale: Ambas são essenciais para o processo de aprendizado. Uma delas, a avaliação formativa, é principalmente uma *avaliação para o aprendizado*. É algo que acontece continuamente, que os professores fazem na sala de aula quando estão trabalhando com o estudante (em muitos casos, individualmente), dando retorno ao aluno de seu desempenho em aspectos específicos de seu trabalho. Nesse tipo de avaliação, não existem 'pontos' ou qualquer tipo de nota.

A avaliação somativa é uma *avaliação do aprendizado*. Ela acontece quando um tópico é finalizado e você reúne informações na forma de testes, trabalhos, projetos etc. É um tipo mais formal de avaliação, aquele em que o resultado final é uma nota a ser colocada no boletim.

Na avaliação formativa, o papel do professor é o de treinador, de assistente, ao passo que, na avaliação somativa, esse papel é o de um juiz.

PP.: Como, no dia-a-dia da escola, o professor pode usar práticas avaliativas para melhorar o aprendizado?

Dale: Escolas trabalham com base em currículos. O que queremos que os estudantes sejam capazes de saber e de fazer? Que evidências podemos aceitar de que nossos estudantes sabem e podem fazer isso? Quando planejamos

uma aula, temos que pensar também na avaliação. Temos que saber o que estamos buscando e elaborar nossas aulas e estratégias avaliativas em torno disso. Avaliação é algo que costumava ter uma conotação muito negativa. Mas nós podemos – mais do que isso, nós devemos fazer com que sejam experiências positivas.

Avaliação não é sinônimo de teste. Você pode pedir aos estudantes que façam um projeto, e tentar fazer dele um projeto interessante, de forma que eles possam entender o porquê de estarem aprendendo aquele tópico. Por que tenho que aprender sobre transferência de calor em Ciências? Talvez nós possamos dizer ao estudante: "Suponha que a escola vá fazer uma excursão e você quer levar esta lata de refrigerante. Sua tarefa é inventar um recipiente que vai manter a lata gelada enquanto vamos a essa excursão", em vez de simplesmente dizermos: "Vamos ter uma prova sobre transferência de calor em três semanas". Assim, eles têm um papel, uma razão. O tópico se transforma em algo importante,

É extremamente importante que exista um alinhamento entre o que devemos ensinar (o currículo), o que ensinamos efetivamente e o que cobramos na avaliação. Então, se temos um currículo que pede ao estudante que ele seja capaz de analisar e interpretar um gráfico, de usá-lo para fazer predições e

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



Nós temos que fazer com que os alunos simulem situações reais, temos que fazer deles pequenos cientistas, pequenos escritores, pequenos matemáticos... E para isso, nós precisamos de projetos. Eles são mais próximos da realidade.

conectar as informações que ele traz com outros dados, é nessa capacidade que devemos focar. Não faz o menor sentido elaborar questões do tipo "identifique as partes de um gráfico" ou algo do gênero.

Alguns professores dão excessiva importância à ortografia, por exemplo. Sim, nós queremos que nossos alunos aprendam a grafia correta das palavras, mas este não é o objetivo central do ensino de linguagem. Queremos que eles sejam capazes de se comunicar efetivamente, este é o nosso objetivo. Você pode ter um texto perfeito – nenhum erro de ortografia ou concordância, pontuações nos lugares certos, um monte de ‘palavras grandes’ – mas que seja um texto chato, que não envolve o leitor, oco, vazio. Se nós queremos que eles sejam capazes de se comunicar oralmente, temos que deixá-los falar – e não dar uma prova de múltipla escolha sobre princípios da boa oratória.

PP.: Mesmo porque eles poderiam se sair bem na prova sobre oratória e...

Dale: Não falar bem de jeito nenhum! O que estaria acontecendo nesse caso é que os seus resultados não seriam válidos. Você não poderia dizer: "Estou formando bons oradores." Não, você está formando estudantes que sabem a respeito do que faz um bom orador, mas eles podem não ser capazes

de dizer duas palavras em frente a uma audiência. O mesmo acontece na escrita. Eu me lembro que, quando era criança, nós tínhamos que ler sentenças e sublinhar o sujeito com uma linha, o predicado com duas linhas, depois procurar por erros de ortografia... Bom, isso não era suficiente para fazer de mim um bom escritor. O único meio de transformar estudantes em bons escritores é deixar que eles escrevam algo e provê-los com um retorno específico a respeito do texto produzido.

Na vida real você não faz testes de múltipla escolha. Como jornalista, quantas vezes você fez testes de múltipla escolha desde que se formou? Nenhuma! Mas você está fazendo coisas da vida real, você está escrevendo, redigindo uma matéria. Nós temos que fazer com que os alunos simulem situações reais, temos que fazer deles pequenos cientistas, pequenos escritores, pequenos matemáticos... E para isso, nós precisamos de projetos. Eles são mais próximos da realidade.

Podemos criar contextos para os estudantes. Vamos pedir uma dissertação sobre o ataque dos Estados Unidos ao Iraque? Não! Você, fulano, está representando o Brasil na ONU, prepare um discurso tomando uma posição a respeito do pedido dos EUA de apoio financeiro para a reconstrução do Iraque. Leve a ONU para a sala de aula, deixe que os seus "conselheiros" deci-

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



A grande idéia é fazer com que o aluno seja capaz de resolver problemas não rotineiros. Sou capaz de escrever uma carta? Sou capaz de defender uma posição, de analisar um espécime num laboratório, de conduzir uma experiência?

dam. Isso torna os conteúdos reais para os alunos. Por que estou aprendendo isso? Porque isso está acontecendo no nosso mundo, no mundo real.

Estamos estudando a Segunda Guerra Mundial? Ótimo, agora seus estudantes são soldados na frente de guerra, vão pesquisar e escrever cartas aos pais deles falando da vida nas trincheiras – como são os armamentos, as últimas notícias que ouviram no rádio, os sentimentos que experimentam...

A grande idéia é fazer com que o aluno seja capaz de resolver problemas não rotineiros. Sou capaz de escrever uma carta? Sou capaz de defender uma posição, de analisar um espécime num laboratório, de conduzir uma experiência? Se a gente pensa numa aula de arte, ninguém pede aos alunos que façam um teste a respeito das cores primárias. Não, eles criam, pintam, esculpem, desenham. O mesmo numa aula de música. Nós tocamos! É lógico que você tem que saber as escalas, mas a prova de fogo é tocar o instrumento, não recitar informações decoradas para uma prova. Por que não fazemos o mesmo nas demais disciplinas?

PP.: Algumas escolas centram a avaliação em provas. Outras, tentando fugir disso, às vezes caem no extremo oposto e dão pontos para tudo que o aluno faz em sala de aula. Como achar um bom equilíbrio entre esses dois lados?

Dale: Notas servem como um veículo de comunicação entre o professor, os alunos, os pais, o próximo professor daquele aluno e, no final, os futuros empregadores. Temos que ter o cuidado de fazer com que essa nota tenha o mesmo significado para todas essas partes. O que às vezes acontece, no entanto, é que tentamos colocar tanta coisa dentro desse número que ele acaba não tendo significado algum para ninguém. Se não sabemos o que foi levado em consideração para chegar àquele conceito A, isso quer dizer que um A na sua classe e um A na minha classe podem ser coisas totalmente diferentes.

Como fazer com que um A signifique o mesmo em diferentes classes, em diferentes escolas? Fazendo com que a nota seja um reflexo do desempenho do estudante comparado com o que o currículo espera dele. Não nos interessa comparar o estudante com outros estudantes, e sim com o currículo. Não interessa se ele é esforçado, se ele se comporta bem. Nós temos que separar comportamento, atitude, participação – e desempenho. Sim, esses aspectos devem ser notados, devem ser descritos no relatório sobre o estudante, mas não devem ser misturados com o domínio das competências previstas pelo currículo. Enquanto não fizermos essa separação, as notas não significam nada.

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



Qual é o propósito do dever de casa? Deveria ser para treino, prática. Por que estamos dando notas em treino? Você não deveria ter que me dar uma chance de aprender primeiro, para depois me julgar?

Alguns professores, por exemplo, usam notas como mecanismo de controle e punição. Esse garoto aqui vai perder um ponto porque está fazendo muita bagunça. Ou essa menina vai perder pontos porque nunca participa das discussões em aula. Bom, talvez a cultura familiar dessa menina estabeleça que uma criança bem-educada não deve falar sem que alguém lhe pergunte algo. Eu enfrentei esse problema em Cingapura, há algumas semanas – não consegui fazer com que os participantes do *workshop* falassem para o grupo enquanto não percebi que isso era parte da cultura deles, mesmo como adultos. Estudantes não deveriam ser punidos por agirem de acordo com sua cultura, ou por sua timidez. E aí a gente pensa em outros estudantes que participam o tempo todo, mas não falam nada de qualidade... é apenas quantidade.

Outro exemplo é o dever de casa. Qual é o propósito do dever de casa? Deveria ser para treino, prática. Por que estamos dando notas em treino? Você não deveria ter que me dar uma chance de aprender primeiro, para depois me julgar? O dever de casa é avaliação formativa, na qual você pratica sem ter a ameaça de uma nota pendendo sobre sua cabeça. Como escritora, você não quer que a primeira versão do seu texto seja submetida ao editor. Mas nós fazemos isso com as crianças!

PP: O dever de casa também pode ser a grande diferença entre o aluno bem de vida e o aluno pobre.

Dale: Sim, pobreza ou dificuldades em casa também são fatores importantes. Alguns estudantes chegam em casa e têm que cuidar do irmãozinho menor ou têm que se preocupar se tem comida na mesa ou não. Como podemos esperar que esse aluno faça o dever de casa? Outros alunos, entretanto, vão para casa e seus pais, professores universitários, se sentam com eles para discutir as tarefas.

Parte da solução desse problema passa por dar oportunidades para que os alunos façam o trabalho na própria escola. Não podemos esperar que todos tenham os mesmos recursos em casa - livros, enciclopédias, internet etc.

PP: Escala de zero a dez, conceitos, letras, percentuais: por que tantas maneiras diferentes de dar notas?

Dale: Nós poderíamos ter, por exemplo, um sistema de notas binário, no qual você tem sucesso ou não, você é aprovado ou reprovado. Mas a crítica a isso era que precisávamos de outras opções além dessas duas possibilidades. Então, passamos ao esquema do "excelente", "muito bom", "bom", "regular", "insuficiente".

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



Um aspecto importante, por exemplo, é o de usar uma grande variedade de métodos para avaliar, e não apenas um. As pessoas aprendem de formas diferentes, têm estilos de aprendizagem diferentes.

Depois, de repente, estávamos usando notas numa escala de zero a cem, usando percentagens.

O problema é que, quanto maior a escala, maior a subjetividade do sistema de pontuação. Convenhamos, não há a menor diferença entre um 72 e um 71. Então as escolas acabaram voltando a um esquema com menos categorias, no qual, se você tem de 80 a 100, seu conceito é A, uma diferença de 20 pontos. Você tirou 80 e eu tirei 99, portanto ambos ficamos com um A. Mas olhe o caso da Maria, ela tirou 79 e ficou com conceito B. Você e eu temos uma diferença de 19 pontos, e estamos ambos no mesmo conceito. Você e Maria têm uma diferença de um ponto, e estão em conceitos diferentes...

Pontuar é um assunto geralmente muito delicado e emocional para os professores, e realmente não acho que exista um sistema muito melhor do que o outro. A questão, no entanto, é que os pontos não deveriam ter toda essa importância. O que é importante na avaliação é o retorno específico que você pode dar ao aluno, não a nota que ele vai ter. Na América do Norte, infelizmente, o sistema de notas, de classificação, é tão impregnado na cultura que acho que não ficaremos livres dele nunca. Então, ao mesmo tempo em que se discute a validade ou não do sistema de notas, é necessário encontrar formas de trabalhar com elas da melhor manei-

ra possível enquanto elas forem uma realidade no nosso sistema educacional.

Um aspecto importante, por exemplo, é o de usar uma grande variedade de métodos para avaliar, e não apenas um. As pessoas aprendem de formas diferentes, têm estilos de aprendizagem diferentes. Se estou ensinando Ciências, e sei que determinado aluno é muito bom em escrita, é justo negar a ele a chance de escrever em Ciências? Não, nós podemos dar alternativas. Por exemplo, se estamos estudando os estados da matéria, em vez de sempre pedir aos alunos que colem dados e os coloquem num gráfico, por que não deixar que os alunos explorem outras formas de demonstrar esse conhecimento? Você é uma molécula de água. Descreva o que acontece com você através da mudança do estado líquido para o gasoso. Por que não?

PP.: Isso significa usar estratégias diferentes em momentos diferentes, ou deixar que os alunos façam trabalhos diferentes num mesmo momento?

Dale: Você poderia simplesmente dizer: "Analisar a personagem Huck Finn da maneira que achar melhor para você", e daí apresentar alguns exemplos, algumas sugestões de como isso poderia ser feito. Muitos alunos continuariam a usar o texto escolar clássico, mas outros poderiam optar por uma canção, um

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



O problema é que existem inúmeras competências que queremos ver em nossos alunos, que não podem ser medidas com testes do tipo "selecione a resposta certa".

esquema, um desenho, um gráfico, um vídeo... Mesmo que você não faça isso o tempo todo, é importante criar situações em que os estudantes mostrem o que podem fazer de formas diferentes.

PP.: Mesmo que testes de múltipla escolha não sejam o ideal, eles estão aí para ficar, especialmente se pensarmos em situações com um grande número de alunos...

Dale: É bom deixar claro que nem sempre o uso do teste de múltipla escolha é uma idéia ruim. Se o domínio de um determinado objetivo curricular pode ser bem-avaliado dessa maneira – por exemplo, se quero descobrir se meus alunos são capazes de definir, reconhecer ou listar –, não há nada de errado em usá-lo. Pelo contrário, ele economiza tempo para outras coisas. O problema é que existem inúmeras competências que queremos ver em nossos alunos, que não podem ser medidas com testes do tipo "selecione a resposta certa".

PP.: Sim, mas mesmo no teste de múltipla escolha existem alguns que são bem piores do que outros. Por exemplo, aqueles com questões que tentam ‘pegar’ o estudante. Que cuidados devem ser tomados ao se elaborar uma prova de múltipla escolha?

Dale: Uma preocupação bem primária é, ao elaborar a prova, ter o cuidado de não incluir nada que ‘entregue’ a resposta certa, para evitar a ‘esperteza de teste’. Se você pergunta algo do tipo "Quais são os produtos de blá-blá-blá...", e apresenta entre as alternativas respostas no singular, estas já são eliminadas imediatamente. O aluno não precisa saber nada a respeito do tema do teste, apenas estar atento à formulação da pergunta.

Outra coisa é que você não deveria ter mais de uma clara e distinta resposta certa, com a qual diferentes *experts* concordariam. Muitas vezes estudantes ficam em dúvida entre duas respostas – bom, ou é a letra B, ou a letra C... – porque ambas são muito próximas. Isso não é justo com eles.

Você também precisa garantir que a questão em si seja claramente formulada, que não haja informações supérfluas. Por que tornar tudo mais difícil para eles, adicionando pistas que não levam a lugar algum? A idéia é avaliar um item de cada vez, não um monte de coisas ao mesmo tempo. Um teste tem que ser justo, seja ele um autêntico teste de desempenho ou um teste tradicional. Não precisamos tentar ‘pegar’ os estudantes – afinal, nosso empenho é para que todos eles tenham sucesso.

Finalmente, o que queremos num teste é medir algo importante, não apenas a recuperação de informações ‘decoradas’

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



O estudante se sente perdido, não sabe como adivinhar o que é que o professor quer. Critérios de avaliação nunca deveriam ser um jogo. Nós temos que eliminar o mistério deles.

pelo aluno. A melhor opção de teste de múltipla escolha é aquela em que fornecemos uma fonte de dados – um texto, uma charge política, um gráfico – e fazemos perguntas que exigem a interpretação dessa fonte.

PP.: Existe também um tipo de prova ou exercício baseado na informação memorizada.

Dale: Exato. O que eu sinto é que, muitas vezes, professores que tendem a usar esse tipo de atividade o fazem porque não se sentem seguros o suficiente para avaliar de outra maneira – avaliar um projeto, por exemplo. É tão mais fácil quando você tem as respostas certas no livro do professor! Como esses profissionais poderiam ser ajudados?

Aí entramos na questão da objetividade *versus* subjetividade. Quando professores usam a avaliação tradicional do tipo múltipla escolha, "preencha os espaços a seguir" ou perguntas com respostas de duas, três palavras, é muito fácil marcar os erros e acertos e calcular o número total de pontos. Os pais também conseguem entender isso. Ao passo que se o estudante trabalha num projeto ou num texto mais longo, a subjetividade entra em cena.

O que nós podemos fazer é avaliar de maneira que a subjetividade seja reduzida, e um jeito de conseguir isso é trabalhando com rubricas. Isso mostra

o que o aluno tem que fazer nessa área específica para ganhar um 5, um 4, um 3... Mostra com detalhes quais são os critérios, de tal forma que, quando chega a hora da correção, o aluno tem uma idéia do porquê de sua nota ter sido alta ou baixa. O aluno tem que ter acesso a essa rubrica antes de fazer o trabalho, para saber o que o professor tem em mente. Isso é muito diferente daquele jovem que leva o trabalho ao professor e este balança a cabeça enigmaticamente em desaprovação. O estudante se sente perdido, não sabe como adivinhar o que é que o professor quer. Critérios de avaliação nunca deveriam ser um jogo. Nós temos que eliminar o mistério deles.

Quando você explicita e detalha os critérios, quando você tem uma rubrica, suas chances de ser consistente na avaliação aumentam. Então não faria muita diferença se eu corrigisse ou se você corrigisse a prova, nós todos provavelmente chegaríamos a notas bem semelhantes.

PP.: Você diz que é importante que os estudantes tenham acesso à rubrica. E no caso de crianças bem novinhas, nos primeiros anos de escola?

Dale: Aí precisamos redigir a rubrica numa linguagem apropriada ao nível deles, e discutir com eles item por item. Então eu digo: "Para tirar 5 nessa área

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



Não deveríamos nunca ter testes-surpresa. Diga a eles a data, liste os objetivos curriculares que serão avaliados, avise que o teste vai consistir de 25 questões de múltipla-escolha e cinco questões abertas. Então eles sabem o que é esperado deles.

aqui, isso é o que vocês precisam fazer, para tirar um 4, isso...". Se uma das crianças não entender, pode levantar a mão e pedir mais explicações. A outra coisa é mostrar a eles exemplos de bons trabalhos, para que eles tenham uma idéia mais concreta do que é que você está falando. Quanto mais os estudantes possam ver trabalhos de qualidade, mais chances eles têm de fazer trabalhos de qualidade.

PP.: E sobre o momento de ministrar as provas? Por exemplo, o que você acha a respeito de testes-surpresa?

Dale: Não deveríamos nunca ter testes-surpresa. Diga a eles a data, liste os objetivos curriculares que serão avaliados, avise que o teste vai consistir de 25 questões de múltipla-escolha e cinco questões abertas. Então eles sabem o que é esperado deles. Porque, se você não faz isso, eles não estarão preparados, eles não vão mostrar o melhor que podem fazer. É por isso que muitas vezes os estudantes têm uma conotação tão negativa a respeito de testes – porque muitas vezes eles não são justos.

O ambiente, a adequação do momento são outras questões a serem levadas em conta. Testes devem ser feitos quando a situação é favorável. Por exemplo, eu me daria muito mal se tivesse que fazer uma prova neste momento, porque esta sala está muito

fria, e eu estou congelando aqui. Então, se está um dia terrivelmente quente, ou se a iluminação não está boa, ou se alguém está trabalhando com uma britadeira bem ao lado da escola, ou se a mesma turma tem mais outro teste importante em outra matéria no mesmo dia – nenhuma dessas situações é propícia para um bom teste. Hoje o time da escola vai disputar a final do campeonato municipal com outra escola, todos estão excitadíssimos, só se fala nisso. Dar uma prova para os alunos? Nem pensar!

PP.: Quando eu estudava inglês e uma prova pedia para redigir uma sentença, eu costumava tentar fazer construções mais complexas e acabava perdendo pontos por isso.

Dale: Sim, porque aí as chances de cometer erros são maiores. Como resolver esse tipo de problema? Explicando melhor: como avaliar sem empurrar o trabalho do estudante para a mediocridade, sem fazer com que ele se atenha sempre ao mais rasteiro, por medo de errar?

A disposição para correr riscos calculados, para aceitar desafios, é algo importante no desenvolvimento intelectual do aluno. Uma das coisas que podemos fazer é não colocar todo o peso da avaliação nas convenções da língua. Coloque mais peso nos detalhes usados,

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



Nós temos que organizar nossas salas de aula em torno de uma motivação intrínseca para o aprendizado. A idéia que devemos passar para os alunos é a de que aprender é algo bom por si mesmo, não como meio para conseguir uma outra coisa.

no pensamento, no conteúdo, na organização do texto, na sua capacidade de engajar o leitor. Alguns dos pontos têm que vir das convenções, mas não a maior parte deles, de forma que o aluno possa escolher o risco, possa optar por ir além da sua "zona de conforto".

Imagine um garoto na quinta série que escreve um texto fabuloso, mas cheio de erros de ortografia. Aí você repara bem e vê que as palavras que ele escreveu erradas são palavras mais sofisticadas, que só seriam usadas, normalmente, por jovens no Ensino Médio. Esse aluno deveria perder pontos por esses erros e tirar uma nota ruim? Não podemos nos fixar apenas num dos aspectos da escrita. Existem tantos que são igualmente importantes!

PP.: A maior parte das escolas trabalha com médias para representar o desempenho do estudante durante um determinado período. Quais seriam fórmulas alternativas à média?

Dale: Existem diferentes formas de lidar com isso. A maioria das pessoas usa a média, como você disse. Por que não usar a mediana? Ordene as notas do estudante da mais alta para a mais baixa e pegue a que estiver no meio – dessa maneira notas que não são representativas do trabalho dele não entram em cena. Você pode também desconsiderar a

menor nota, valorizando assim os trabalhos que ele fez melhor. Outra forma é colocar mais peso nas notas dos trabalhos mais recentes, já que estes provavelmente refletem com mais precisão o que o aluno aprendeu durante aquele período – uma boa maneira de não prejudicar aqueles que começaram com dificuldades, mas pegaram o ritmo mais tarde.

PP.: Medalhas para os melhores alunos da escola, palmas da classe para a melhor redação e outras coisas do tipo – qual é a sua opinião a respeito?

Dale: Nós temos que organizar nossas salas de aula em torno de uma motivação intrínseca para o aprendizado. A idéia que devemos passar para os alunos é a de que aprender é algo bom por si mesmo, não como meio para conseguir uma outra coisa. Motivações externas – as medalhas, nome no quadro, balinhas e bombons – estragam essa noção, introduzem a idéia de que você estuda para ganhar um prêmio, para ganhar aceitação, e não porque você quer aprender.

Outro problema é que esse tipo de recompensa joga uns alunos contra os outros. Na vida real já temos competição suficiente. Por que precisamos reforçar essa competição ainda mais na escola? E as crianças que nunca rece-

ENTREVISTA

DALE ARMSTRONG



As pesquisas mostram que, quando reprovamos um aluno uma vez, as chances de ele abandonar a escola antes de terminar o Ensino Médio aumentam em 30%. Mas se um aluno é reprovado duas vezes em sua vida escolar, suas chances de abandonar os estudos passam a praticamente 100%!

bem medalhas? Você tem um aluno apontado como o líder, e todos os outros são ‘desapontados’. Um aluno feliz e 29 infelizes. E você mesmo criou isso!

PP.: A prática de evitar a retenção escolar é relativamente nova no Brasil. Muitos professores sentem que isso significa ‘promover’ um aluno que ainda não está preparado para ir para frente. Como o sistema educacional canadense lida com essa questão?

Dale: Há 18 anos, quando me tornei diretor de avaliação escolar das escolas de Edmonton, dez por cento da população estudantil na primeira série estava sendo indicada para repetir o ano. Quando eu deixei o cargo em 1999, esse percentual tinha caído para menos de um por cento. Ou seja, este é um fenômeno novo também aqui.

Uma vez fizeram uma pesquisa sobre os maiores medos de crianças de seis anos de idade. As três coisas que elas mais temiam eram: a morte de um dos pais, ficarem cegas ou repetirem a primeira série. Já pensou? Equiparar algo tão traumático como a morte de um dos pais ou ficar cego com a repetição de uma série? Não há nada que possamos fazer para evitar os dois primeiros... mas temos como atuar na

questão da repetência! Por que ignorar as pesquisas que veementemente apontam para o fato de que reter o aluno não só não ajuda o aluno como ainda é prejudicial?

Retenê-los não estava fazendo nada no sentido de melhorar o aprendizado deles. As pesquisas mostram que, quando reprovamos um aluno uma vez, as chances de ele abandonar a escola antes de terminar o Ensino Médio aumentam em 30%. Mas se um aluno é reprovado duas vezes em sua vida escolar, suas chances de abandonar os estudos passam a praticamente 100%! Hoje em dia, o que fazemos é basicamente não reter o aluno; tentamos acomodá-lo o melhor possível à medida que ele vai avançando para as séries posteriores. Isso aumenta as chances de ele continuar na escola, e, enquanto está nela, pelo menos ainda temos como ajudá-los de alguma forma. ●